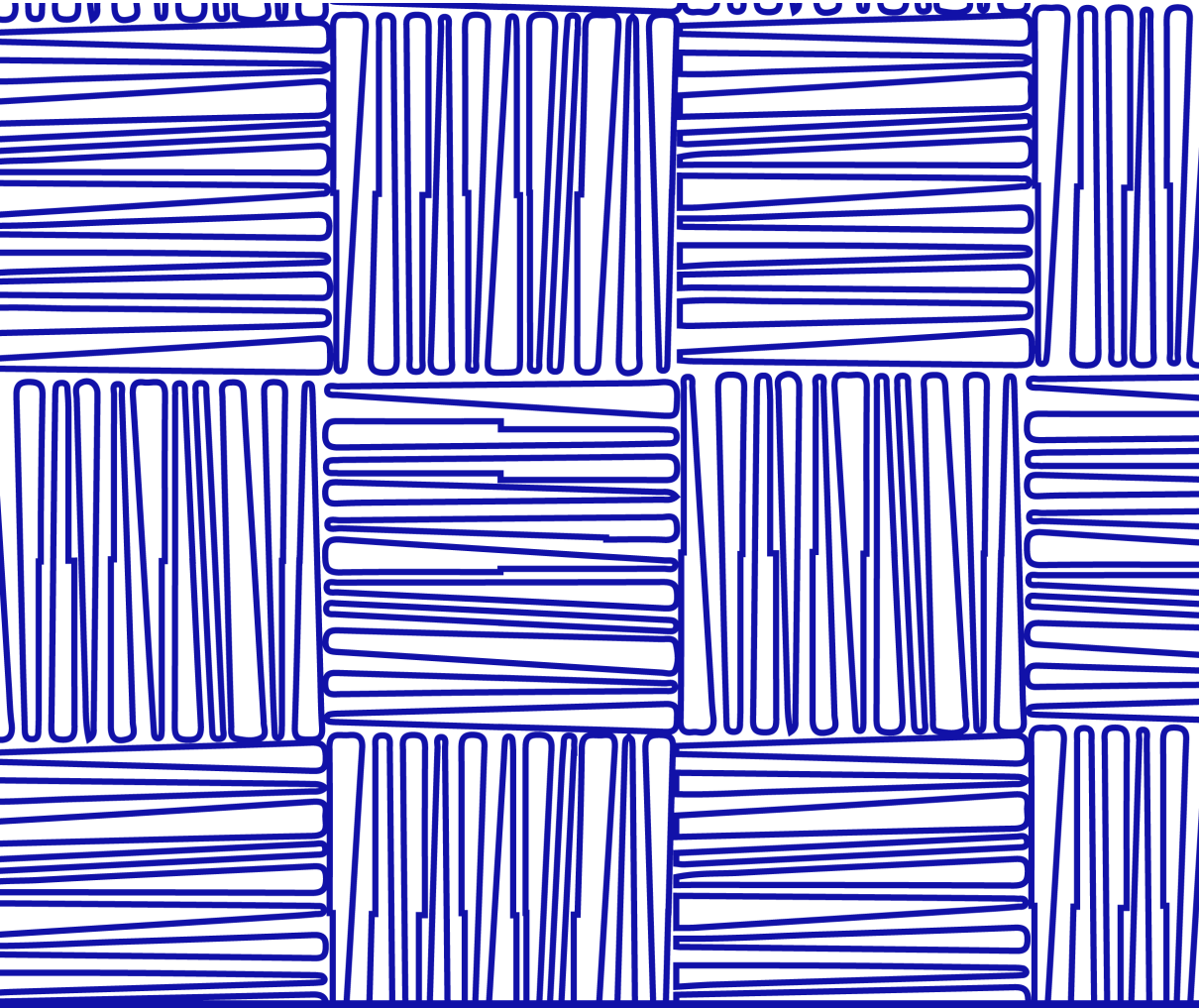


Métodos e técnicas na produção de conhecimentos

Coleção

Educação do campo, das águas e das florestas: tecendo currículos de formação de professores no contexto amazônico

Luís Sérgio Castro de Almeida | Maria Almerinda de S. Matos
Adélia Cristina Alves de Almeida

editora UEA
CAPES

UEA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Universidade do Estado do Amazonas

Reitor	Prof. Cleinaldo de Almeida Costa
Vice-Reitor	Prof. Cleto Cavalcante de Souza Leal
Pró-Reitora de Graduação	Prof[a]. Kelly Christiane Silva de Souza
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação	Prof[a]. Maria Paula Gomes Mourão
Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários	Prof. André Luiz Tannus Dutra
Pró-Reitora de Planejamento	Prof[a]. Maria Olivia de A. Ribeiro Simão
Pró-Reitor de Administração	Prof. Marcos André Ferreira Estácio
Pró-Reitora de Interiorização	Prof[a]. Samara Barbosa de Menezes

Núcleo de Educação a Distância

Coordenador Geral	Prof. Marcelo Carvalho Tavares
Coordenador Adjunto	Prof. João da Mata Libório Filho
Curso	Pedagogia do Campo
Diretora	Prof.[a]. Vanúbia Araújo Laulete Moncayo
Coordenador de Qualidade	Prof. Raimundo Sousa Lima Júnior
Coordenadora do Curso	Prof.[a]. Lucinete Gadelha da Costa

Nucleo Docente Estruturante

Presidente	Prof.[a]. Lucinete Gadelha da Costa
Membro	Prof.[a]. Maria Edeluza Ferreira Pinto de Moura
Membro	Prof.[a]. Mônica de Oliveira Costa
Membro	Prof. Raimundo Sidney dos Santos Campos
Membro	Prof.[a]. Leni Rodrigues Coelho

Preparação e Diagramação	Lucilene Maciel Coelho

Editora UEA

Diretora	Prof.ª Maristela Barbosa Silveira e Silva
Secretária Executiva	Prof. Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas
Editora de Executiva	Prof.ª Sindia Siqueira
Editora de Edição	Prof.ª Samara Nina
Capa	Prof.ª Clarice Martins

Conselho Editorial

Presidente	Prof.ª Maristela Barbosa Silveira e Silva
Membro	Allison Marcos Leão da Silva
Membro	Almir Cunha da Graça Neto
Membro	Manoel Luiz Neto
Membro	Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho
Membro	Jair Max Furtunato Maia
Membro	Mário Marques Trilha Neto
Membro	Silvia Regina Sampaio Freitas
Membro	Jucimar Maia da Silva Junior

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Ficha Catalográfica elaborada por **Maria Tereza Costa Pereira** CRB 11 - 661

A447m Almeida, Luis Sérgio Castro de.

Métodos e técnicas na produção de conhecimentos [recurso eletrônico] / Luis Sérgio Castro de Almeida, Maria Almerinda de S. Matos, Adélia Cristina Alves de Almeida. – Manaus: UEA, 2022.

56 p.; il. – (Coleção Educação do campo, das águas e das florestas: tecendo currículos de formação de professores no contexto amazônico)

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-80033-45-4 (e-book)

1. Métodos e técnicas - produção do conhecimento. 2. Pesquisa - atividades acadêmicas. 3. Trabalho acadêmico - comunicação científica. I. Matos, Maria Almerinda de S. II. Almeida, Adélia Cristina Alves de. III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título. V. Série.

CDU 001.891

Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas

Editora afiliada

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

Sumário

1 Concepções sobre a natureza da Pesquisa e a inter-relação com as demais áreas do currículo e com outras ciências sociais 5

1.1 A importância da pesquisa como princípio educativo para a formação científica dos educandos do ensino superior na Educação do Campo 7

1.1.1 Os Processos Discursivos 8

1.2 As dimensões do conhecimento e a sua importância no desenvolvimento da cultura humana 17

2 A pesquisa e as atividades acadêmicas. Leitura analítica e crítica. Resumos, resenhas, fichamentos 22

2.1 Metodologia de Estudo: aportes conceituais da complexidade na pesquisa científica e o exercício das atividades acadêmicas . . . 23

2.2 A construção individual do plano de estudo e a chegada ao Projeto de Pesquisa 26

2.3 A importância da metodologia científica a partir do projeto de pesquisa na construção do Trabalho Científico (Monografias, Dissertações e Teses) na Educação do Campo 30

3 Uma reflexão sobre o trabalho acadêmico e a comunicação Científica, apresentação e publicação de trabalhos científicos 36

3.1 O paradigma sistêmico como desafio evidenciado e a necessidade de interfaces com os métodos e as técnicas na produção de conhecimento 38

3.2 A ABNT e a importância dos procedimentos sobre a construção dos instrumentos do trabalho científico em estudos acadêmicos 41

REFERÊNCIAS 48

Prefácio

EDUCAÇÃO DO CAMPO DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS: TECENDO CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO AMAZÔNICO.

Este livro no formato de E-book faz parte da coleção intitulada: Educação do campo das águas e das florestas: tecendo currículos de formação de professores no contexto amazônico que tem como objetivo a produção didática do conteúdo básico dos componentes curriculares do curso. Este traz a produção didático-pedagógica da disciplina **Métodos e técnicas na produção do conhecimento**, com carga horária de 60 horas com o objetivo de desenvolver habilidades de pesquisa, levando em conta a realidade do campo e suas complexidades, implicando na construção do planejamento metodológico para a construção do conhecimento científico.

A proposta pedagógica do curso de pedagogia do campo nasce frente as demandas do estado do Amazonas, originadas da reivindicação de comunidades nelas existentes mediadas de forma coletiva pelo **Fórum do Território do Médio Juruá**, num movimento rico de **articulação entre universidade e sociedade** abrindo caminhos para um processo de construção de parcerias com a Fundação Amazonas Sustentável – FAS, Prefeitura Municipal do Município de Carauari, envolvendo diferentes sujeitos coletivos até chegarmos ao Convênio com a Capes.

Neste processo foi se constituindo o Curso de Pedagogia do Campo originário da Universidade do Estado do Amazonas, a partir de experiências realizadas com a contribuição do Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores para a Educação em Ciências na Amazônia (GEPEC) com foco na formação de professores, alicerçada numa perspectiva teórico/ prático, permeada pelo processo dialógico em diferentes instâncias em que destacamos o Comitê Estadual da Educação do Campo e o Colegiado do Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior.

Neste sentido, o curso em sua experiência em construção aponta preocupações na formação do professor, frente a realidade do contexto rural amazônico, delineando os recortes epistêmicos direcionados pelos princípios da Educação

do Campo em seu desenho curricular em que a pesquisa, ensino e extensão são eixos articuladores nas disciplinas no desenvolvimento do currículo, em estratégias multidisciplinares visando à formação docente, em suas dinâmicas educativas escolar e sua gestão e os processos educativos comunitários. Dessa forma, salientamos aspectos importantes a serem considerados neste caminhar, entendendo que uma proposta de formação não se constitui em algo fixo mais processual possibilitando aos sujeitos envolvidos reflexões e ações concretas na formação de professores e como desdobramento desta na ação da educação básica em nosso contexto amazônico.

O curso de Pedagogia do Campo está desafiado a ajudar na formação dos professores que também formarão outros sujeitos que poderão contribuir, com sua atuação enquanto sujeitos que se constroem num processo contínuo de busca da qualidade da vida das pessoas ou poderíamos dizer do bem viver para o grupo e para si e neste movimento vão construindo -se em relações dialógicas. Concluímos a apresentação desta coletânea, que se constitui como tessi- turas de ideias e práticas, no campo da formação de professores na Amazônia caracterizado pelos povos das florestas e dos rios, que a partir do trabalho trazem os elementos teórico-práticos que possibilitam a reflexão acerca da sua realidade e das contradições presentes em seus cotidianos, trazendo elementos para um processo de aprendizagem significativa, na defesa de uma escola pública popular.

Profa. Lucinete Gadelha da Costa.

Apresentação

Caro estudante seja bem-vindo!

Ao iniciarmos esse Componente Curricular, intitulado: MÉTODOS E TÉCNICAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, procuraremos fazer uma abordagem dialógica com os aspectos de produção de conhecimento relacionados na dimensão da Educação do Campo. Iremos trabalhar três unidades de estudo, para uma carga horária de 60 horas.

A ênfase de nossas aulas será no sentido de construir, ao longo do curso, pela reflexão-ação-reflexão alguns elementos básicos da produção do conhecimento sistematizado. As temáticas de nossas unidades nos darão o suporte na efetivação do trabalho de produção textual.

Nossa ação metodológica quanto aos trabalhos a serem desenvolvidos, em seus objetos de estudos sobre o componente curricular, irá aparecendo ao longo das nossas Unidades de estudo, conceitos como: resumos, resenhas, fichamentos, a problematização da realidade a partir do objeto de estudo, a comunicação científica, apresentação e publicação de trabalhos científicos, estarão ora implícitas em nossas sessões e, ora nos glossários ao longo das Unidades de estudo.

É nesse sentido que o processo avaliativo da produção do conhecimento, o qual iremos sistematizar, vai acontecer. Em três momentos, em que o primeiro momento é da produção textual I: ele será referente ao assunto estudado na primeira Unidade de Estudo, em que pela prática de um resumo coletivo, construído a partir das aulas expositivas, será elaborado inicialmente um texto. Este terá como eixo o trabalho, a cultura e a educação do/no campo das águas e da Floresta. Esse é o eixo que se relaciona com o nosso objetivo geral.

O segundo momento avaliativo, diz respeito à produção textual II, em que resgataremos as reflexões das aulas referentes à temática estudada. Faremos um resumo – trabalho que deverá ser desenvolvido coletivamente, novamente com ênfase no objetivo geral e no eixo temático de nossos estudos. Nesse processo, retornaremos ao texto I, e o reorganizaremos à luz dos novos objetos de conhecimentos, debatidos na aula expositiva e pela bibliografia disponibilizada para os estudos.

A Unidade III, a qual diz respeito a uma reflexão sobre o trabalho acadêmico e seus elementos, a Comunicação Científica, apresentação e publicação de trabalhos científicos, nos projeta para produção textual III, em que consistirá na organização e no suporte da construção do memorial dos estudantes. Essa é a concepção dialógica a qual procuraremos construir pelas interconexões de nosso trabalho pedagógico.

Nesse contexto, é que o processo avaliativo terá como referência o desenvolvimento do estudante, ao levar em conta a ação-reflexão-ação, entre quem ensina e quem aprende, tendo como ação importante, a produção coletiva do conhecimento, os procedimentos metodológicos durante a realização das atividades de leituras e a construção dos instrumentos de trabalho. Os momentos construídos pelas aulas desenvolvidas, permitirão o aprendizado no campo da produção acadêmica e sistematizada. Pensamos que esse é um caminho metodológico importante para o início do estudo no ensino superior, na busca pela produção autônoma do conhecimento.

Professores. Luís Sérgio Castro de Almeida / Maria Almerinda de S. Matos
e Adélia Cristina Alves de Almeida.

Unidade 1

Concepções sobre a natureza da Pesquisa e a inter-relação com as demais áreas do currículo e com outras ciências sociais

Este texto pretende, a partir de uma reflexão coletiva, iniciada com os estudantes da Educação do Campo e pela prática da produção textual, contribuir com a construção de conceitos no saber sistematizado. É um trabalho que parte de ações construídas em sala de aula com os graduandos. Tem o intuito de se fazer, pela práxis do trabalho pedagógico, os processos de construção do conhecimento, inter-relacionando o objeto de aprendizagem e a apropriação do processo de conhecimento, no resultado de novo conhecimento.

Partimos das experiências, como educadores norteados pela concepção do professor reflexivo, das experiências nesse tipo de trabalho com variadas turmas de acadêmicos das licenciaturas, ao longo dessas duas últimas décadas do fazer pedagógico como professor, é do diálogo com os estudantes, desdobrado em uma condição dialógica de nossas caminhadas por nossa jornada profissional.

Principalmente como professor de algumas disciplinas dos cursos, no Estágio Supervisionado e na orientação de monografias de conclusão de curso dos estudantes dos Curso Normal Superior, Pedagogia e outras licenciaturas, é o que permitiu conhecer um pouco da maneira como os conceitos podem ser apreendidos por esses estudantes. Nessas práticas cotidianas como professores pesquisadores, percebemos que é perfeitamente possível, no contexto acadê-

mico, a inter-relação de um conteúdo conceitual e a construção do aprendizado pela prática criativa da produção textual.

Esse é um processo educacional o qual não está restrito ao Ensino Superior, mas é uma realidade também em outros Níveis de Ensino da Educação Básica. É uma prática que nos remete, em parte, nós professores pesquisadores e estudantes, a construirmos bases metodológicas de práticas que possam promover a efetivação de outras maneiras de construir conhecimento. No componente curricular das metodologias do estudo, estar aberto às propostas curriculares e educacionais, de modo que sejam conduzidas não só pelos professores, mas junto com os estudantes, envolvidos na construção de seu próprio aprendizado é uma ação metodológica atual e necessária.

O que resulta daí, é uma prática de ensino como o fazer educacional voltado às mudanças nas demandas socioeducacionais e culturais em que os estudantes estão envolvidos no mundo de hoje. Estamos na Era da informatização, das redes sociais, dos múltiplos textos das metalinguagens e de um mundo aligeirado pela produção das informações, por isso não podemos perder o foco na produção do conhecimento de uma maneira crítica e centrada na ética verdadeira das informações e dos conhecimentos produzidos e nesse contexto a produção criativa do conhecimento é fundamental. "A Educação pode ajudar o homem a ser sujeito, não qualquer tipo de Educação, mas uma educação crítica e dirigida à tomada de decisões e à responsabilidade social e política. Uma educação baseada no diálogo e não no monólogo" (FREIRE, 2005, p 55) apud Gomes, 2005.

A educação tem o dever de colocar o homem, enquanto sujeito, no nível de realidade de seu tempo. Daí a necessidade do desenvolvimento de uma educação com aporte no horizonte futuro, que tome para si a orientação das forças que estão amadurecendo e busque preparar as jovens gerações para as tarefas que as esperam (Saviani, 1998). Aos povos dessa Região Amazônica, não estamos por fora de tais contextos de mudanças e acreditamos que os homens e as mulheres desta região possam se sentir incomodados, e, ao mesmo tempo, motivados para construção coletiva de uma outra maneira de ensinar e aprender, no desenvolvimento do desejo político maior pela transformação deste tempo, de interdisciplinaridades, intersubjetividades e transcendências nos múltiplos contextos das realidades que se revelam para nós em nossa existência.

Neste sentido, Santos (2005, p. 32), salienta que os(as) educadores(as) "comecem a mudar as suas formas de pensar o currículo, olhar e sentir o presente como meio de reflexão para a construção do futuro". Esse sem dúvida poderá ser um mundo construído a partir de práticas pedagógicas e políticas transformadoras, implementadas a partir de uma relação dialógica com os atores, em nosso caso aqui, da Escola do Campo, em uma constante prática reflexiva com a sociedade campesina, que não pode ficar à parte deste debate.

1.1 A importância da pesquisa como princípio educativo para a formação científica dos educandos do ensino superior na Educação do Campo

Quer queiramos ou não, a ciência embasa nosso modo de viver e adotamos o conhecimento objetivo como fonte de verdade na sociedade. Na relação ciência e sociedade, levamos em consideração as conquistas daquela no desenvolvimento dessa, ao longo de nossa história.

Essas conquistas permitiram o desenvolvimento da cultura, em sua mais elaborada e complexa estruturação objetiva das coisas e do pensamento humano. No momento em que a ciência assume esse status, ela se torna conformação de nossas realidades, é daí que, por nossos pensamentos e ações são validadas nossas explicações, nossa compreensão dos fenômenos e nossa maneira de viver, de estar e agir no mundo

Há muito que o homem busca o sentido de saber de onde vem e para onde vai, neste universo cósmico que se interconecta num misto complexo de realidades, dimensões, incertezas e, no limiar da física, das singularidades no modelo quântico da matéria. Essa cosmovisão de mundo, nos mostra que para entendermos as realidades, a qual estamos inseridos, nas múltiplas realidades tivemos que aperfeiçoar nosso pensamento, a consciência humana.

Figura 1.1: Manifestação cultural: festival - Barcelona, Espanha - 12 de abril de 2015:/



Fonte: https://thumbs.dreamstime.com/z/festival-de-los-colores-holi-barcelona-spain-april-people-colours-traditional-holiday-india-62930779.jpg

Foi pela evolução de nossas características biológicas, o desenvolvimento do nosso cérebro e de nossa mente, e pelas maneiras de instrumentação de nossas necessidades de adequação ao ambiente natural do planeta, que todo

o arcabouço cultural de nossa espécie foi se construindo e nos construindo, enquanto humanidade social e seres humanos conscientes de si e do mundo.

Esta visão antropológica é um processo de desenvolvimento biopsicossocial que surgiu pela necessidade de desenvolvermos a cultura e até onde o Homo Sapiens Sapiens chegou; é o aperfeiçoamento evolutivo de nossa espécie, diretamente relacionado ao nosso existir no mundo, ao longo de nossa jornada humana.

É nesse cenário, do afinamento dos saberes científicos, tecnológicos e culturais, que a pesquisa assume seu princípio educativo na formação das gerações aprendentes, em especial, no nível superior de ensino em nossas universidades, proporcionado pela geração de ensinantes, daí um dos sentidos da escola em nossa cultura. Pela pesquisa se mostra a direção e o início da estrada metodológica que se percorrerá na construção do conhecimento sistematizado e na produção da cultura.

Na produção do conhecimento sistematizado, tudo começa pelo planejamento de um projeto de pesquisa. Fundamentalmente dois aspectos são importantes destacar em nosso trabalho, aqui. A concepção e o caminho a ser percorrido na pesquisa, nos deteremos somente no que se refere a concepção da produção do conhecimento. É importante que se determine claramente, qual o processo ou processos discursivos se usará ou se usarão na construção do estudo; basicamente pela importância desses processos discursivos, é que se dão as abordagens teóricas, fundamentais na construção do conhecimento sistematizado.

1.1.1 Os Processos Discursivos

São vários os tipos de Processos Discursivos em que usamos à compreensão, à apreensão e à reflexão sobre as realidades estabelecidas no mundo das ideias e das coisas, esses enquanto abordagens de análises e produção do conhecimento. Esse movimento implica na elaboração e no avanço do modo de apreensão e aprimoramento dos saberes, que, ao longo dos tempos, vão surgindo e se reconfigurando, segundo a necessidade do tempo em que as gerações vão se desenvolvendo e construindo conhecimento e cultura.

Em linhas gerais, a construção do conhecimento passa por processos discursivos, em que aí se constituem: o positivismo, a fenomenologia, a hermenêutica, a dialética e a dialógica. Estas são as concepções dos caminhos trilhados pela filosofia da ciência, nas múltiplas maneiras de se construir o conhecimento. Em todo argumento científico esses processos discursivos, enquanto concepções dos caminhos metodológicos, se sobressaem no discurso do texto científico.

O Positivismo

O Positivismo, como corrente filosófica, surge na França do início do século XX, inaugurado por Auguste Comte (1798-1857) e John Stuart Mill. É uma escola filosófica que ganha maior destaque na Europa na segunda metade do século XIX, propondo-se a ordenar as ciências experimentais, consideradas como o modelo do conhecimento, em contraponto com as especulações metafísicas ou teológica, aí se funda o comtismo.

O comtismo, ao se constituir como teoria de desenvolvimento social, perpassando pelo político e pelo social, influencia o campo das ciências, no contexto da produção do conhecimento enquanto se propõe à análise da sociedade. Ele constitui-se em uma teoria política, social e científica. No pensamento de A. Comte, a história do desenvolvimento humano passou por dois momentos no século XIX, chegando ao terceiro aí neste tempo, é o 'positivo'.

O positivismo oferece, para o homem comum, um mundo restrito e de não contestação desde a filosofia, isso representa para Husserl um desafio o qual ele, de boa-fé, queria replicar a partir das próprias muralhas do empirismo. Ao partir das ideias de F. Brentano (1838-1917), da distribuição entre os fenômenos da vida psíquica com os fenômenos físicos e com a afirmação de que esses fenômenos podem ser percebidos e que o modo de percepção original, que temos deles, constitui o seu conhecimento fundamental, Husserl instala, comodamente, dentro das estruturas empiristas, a descrição do fenômeno tal como ele é.

O referido filósofo obedece às exigências do positivismo como paradigma do momento, onde todo conhecimento que não venha da experiência, não deve ser tido em conta, além de completar, as necessidades sociais do momento de instalar um conhecimento que contemple o homem concreto e sua concretude.

O retorno às coisas mesmas, desde o ângulo de intuição originária, é o princípio do método fenomenológico do qual deriva o princípio das essências. Depois da percepção pelos sentidos vem a intuição da essência do fenômeno em questão, ressaltando que o sentido de um fenômeno lhe é imanente e pode ser percebido.

Assim, nosso espírito é capaz de produzir um número discretamente infinito de fenômenos, quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento pode se dar. Objetos e Consciência São dois momentos da correlação que lhes é dada e um sem o outro é inconcebível, inaugura se assim o momento crucial da filosofia onde se faz a ponte entre o positivismo empírico e a fenomenologia como lugar do ser humano integral.

A Fenomenologia

A fenomenologia como ciência dos fenômenos nos situa, não só no campo da filosofia, como também nos leva a outros campos diversos em que as experiências da realidade se manifestam. Não importa se se trata da realidade dos

espíritos, da realidade das ideias, da realidade dos valores e dos princípios ou de realidade material biológica.

Deve ser levado em conta que, tudo o que aparece é fenômeno, então teríamos que acatar a impossibilidade de estudar e cercar o que é fenomenologia, pela amplitude do sentido dado. Dessa maneira, a fenomenologia tem dois momentos na sua história: um primeiro momento dentro da mesma filosofia, que enquadra a fenomenologia como a teoria da ilusão (J. H. JAMBAT, 1764).

Emanuel Kant, que por sua vez, utiliza essa visão para estruturação de sua obra, A Crítica da Razão Pura (1781), em que Kant se dá por tarefa, circunscrever o domínio do aparecer ou fenômeno dentro de sua investigação da estrutura do sujeito e suas funções. Podemos afirmar que, aí já se encontra, em Kant, uma fenomenologia do sentido rigoroso do termo.

Em Hegel, com a Fenomenologia do Espírito 1807, a fenomenologia se instala definitivamente na filosofia, é uma filosofia do absoluto ou do espírito, do caminho que o espírito percorre no desenrolar da história.

Edmund Husserl (1859-1938) imagina o segundo momento da história da fenomenologia, sua fenomenologia se diferencia de Hegel e Kant. Ele funda uma nova ontologia, em que o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados; Husserl dispensa a ontologia como disciplina distinta, que seja e que no momento em que a fenomenologia husserliana aparece. A questão do ser é tratada como um problema autônomo e diferente ao aparecer das coisas.

Edmund Husserl, como filósofo, é produto de crises na filosofia, na ciência do homem e uma crise nas ciências puras. Nos dez últimos anos do século XIX, pensadores como Karl Marx, Freud e Nietzsche fazem suas aparições nos círculos restritos, apontando o seu auge no século XX, no qual o positivismo queria seu poder expresso nas ciências objetivas e, na sua predominância, no campo da produção intelectual.

A partir de 1880, essa segurança no positivismo, começa a ser abalada, principalmente por perguntas sobre a validez das leis da matéria, em que todos os âmbitos de investigação sobre o sentido da objetividade, a vida e seu painel de fundo tentam recolher espaços. Qual o espaço para o homem, sua vida preguiçal, para seu mundo concreto e para seu pensamento subjetivo?

A Hermenêutica

A hermenêutica é uma área do saber correspondente as ciências do homem, e mais especificamente, as ciências que tratam da discursividade da compreensão do discurso, colocando dentro do seu contexto de origem, sua intenção ou intensões o público-alvo desse momento e os aspectos políticos e econômicos. É uma dinâmica em que se produz a mente do discurso, tratando-se dos aspectos psicológicos, que de outra maneira, o nutrem desde o ângulo da personalidade e seus conflitos, tanto do que gera o discurso, quanto dos que participam da condição de público-alvo.

A hermenêutica deriva seu nome do deus grego Hermes, encarregado dos conflitos de comunicação entre os homens e entre estes e os deuses. Dentro dessa tensão se perfila a problemática toda da comunicação, desde aquela colocada pelos primeiros filósofos gregos, os sofistas, que colocavam questões tais, que até hoje, molestam por insolúveis aos tratadistas da linguagem, da filosofia da linguagem, da história, da filosofia em geral e da cosmogonia nestes momentos de sua premência.

Tais problemas, por exemplo, seriam: existe a verdade? Pode o homem por meio da palavra transmiti-la? Quais as aplicações para a vida, da procura pela verdade? Podem os homens realmente comunicarem-se? Podem os deuses comunicarem-se com os homens? Podem os homens comunicarem-se com os deuses?

Trabalhando dentro das igrejas tradicionais por salvar e metodizar tudo referente ao discurso e à discursividade, tinha-se toda uma gama de funcionários, que em sua maioria, tinham por ofício exercer a exegese da palavra, aqui referida, a que repousa nos textos sagrados, e também a palavra referida a todos os esforços humanos, por entender e dividir o mundo nas ciências biológicas, químicas, filosóficas e humanas; estes profissionais do tratamento da palavra se situaram em Conventos, em Bibliotecas e em acervos de documentos, nos mais variados arquivos civis e oficiais.

O labor que exerciam dentro da exegese, é o referente ao discurso em si e para si, a situação (hierárquica) no contexto de uma totalidade discursiva, seu tratamento físico, e a promoção ou não de seu conteúdo seguem referente dentro de total e conveniência ou não do conhecimento que repousa nas palavras e nos discursos, para a moral, para a religião, para os bons costumes ou simplesmente para o bem do Status Quo. Poderia dizer-se que exegese tradicional é a expressão conservadora da procura pela verdade.

Essa linha conservadora do tratamento aos discursos, inicia sem mudança radical com os trabalhos do filósofo Shleiermacher, primeiro hermeneuta a quem funda a hermenêutica como tal, ele coloca a Bíblia como texto básico de sua compreensão e da compreensão em si, a partir do entendimento que essa materialidade do discurso, tem sobre sua primeira aparência um ser humano que o estrutura, e que escreve com uma ou várias intenções de comunicação e até de mudar condutas e hábitos e que esse autor é um produto histórico, cultural e também cósmico, e geonatural, em que todos esses fatores surgem as vezes mais, as vezes menos, na estrutura sintática dos escritos.

Shleiermacher não fala dos aspectos psicológicos que em estado de latência podemos encontrar nos discursos, tanto daqueles que conformam de maneira permanente o ser de cada um, como os que surgem como motivos diversos, em todos os momentos discursivos, até naqueles em que, com o uso de metáfora pensamos em ameaçar sua imediata percepção, com fins de maior permanência, exemplo, o uso que fez Jesus Cristo das metáforas, posto que elas nos permitem uma reflexão mais ampla, por intuída.

O fim precípuo da hermenêutica e a compreensão não só do discurso em questão, senão da totalidade de elementos que, de uma outra maneira, se somariam na vertiginosa dinâmica que se cria desde o momento da intencionalidade da autoria, e que vai do autor ou autores, a o leitor ou leitores, dando se a frequência de uma pesquisa voltada para outra, tanto no momento da escrita como no momento da leitura, tentando sair de qualquer tendência como a (psicologista Ditlhey). Esse jogo psicológico é o da construção histórico-cultural, no que todos os homens participamos pelo fato de ser humanos, sejamos ou não cientes do nosso papel na construção da história, e sejamos, querendo ou não ser partícipes de constantes culturais locais e regionais dentro das quais nascemos.

De Shleiermacher e Ditlhey até nossos dias, a hermenêutica nos mostra como por meio da circularidade, chegamos à compreensão e ao esclarecimento, não só dos textos e seus autores, mais também, e preferencialmente, no sentido dos que enfrentamos o trabalho hermenêutico.

A Dialética

A dialética trata do diálogo, da dialogicidade do pensamento construído pela confrontação, pela exposição de um sujeito a um outro sujeito com exposição de um sujeito a um outro sujeito, de uma ou várias proposições, para seu retorno e enriquecimento, partindo da incompletude da oração inicial, expondo uma ou várias contradições, das quais se possa partir para uma oralidade mais esclarecida, esclarecida pelo confronto com outras ideias, com outro modo de pensar de se sentir e de ser.

Assim vista, a dialética maneja dentro de sua dinâmica própria, a contradição e o confronto, visando estado mais avançado e esclarecido da discursividade inicial; no sentido anterior, temos que na dialética se dão, cito, três elementos necessários, fundamentais, um é a discursividade inicial proferida por um sujeito, outro, é o sujeito receptor e outra é a materialidade da dialética, que é o espaço do confronto, o discurso, sem o qual não teria lugar a ação da dialética.

Na dialética percebemos, três elementos, que se levados nessa percepção para os diversos campos da construção do conhecimento, veremos como em todas as ciências se dá essa relação a três, configurando o que aparece como a essência dialética: teses 1 + teses 2 dá como resultado a síntese, homem mais mulher nas somas de suas contradições biológicas dá como resultante um novo ser humano, e assim por diante. Frente a esse fato, que permeia todas as situações das ciências naturais e humanas, o filósofo norte-americano Charles Sander Pierce, dedicou 30 anos de sua vida ao número 3, sentando a base de sua trialética.

De outro de outra parte, a dialética aparece como a arte do diálogo, que foi tida como eixo de alguns dos principais filósofos gregos, desde Parmênides até Platão, que a apresenta como um método de dedução racional, o Supremo treino

do filósofo. Para Parmênides, na dialética entram em diálogo duas posições, dois logos, duas razões, já para Aristóteles a dialética é um método não demonstrativo de conhecimento, é disputa e não ciência, probabilidade e não certeza, indução e não demonstração, para ele, a dialética é um pseudo saber, já para Plotino a dialética é uma parte da filosofia que, junto a gramática e a retórica, conformam o tripé de toda exposição coerente, e que é o eixo das artes liberais o trivium, para Zenon é a arte de discutir, da argumentação lógica e bem articulada; é um pensamento que encontra seu maior expoente na sociedade grega antiga, Sócrates.

Sócrates representa o espírito da busca do conhecimento e da verdade do povo grego. No livro O Banquete, de Platão, há uma rica informação a respeito da atitude de conhecer, de Sócrates. O método socrático consiste em extrair do interlocutor a informação, o conhecimento sobre um determinado tema que está dentro dele.

Sobre isso, num diálogo, Sócrates perguntou a um general romano o que era heroísmo. O general respondeu que heroísmo era atacar. Sócrates perguntou, então: e recuar, general? Este respondeu: recuar é covardia. Mas, general, se você recuar, armar uma estratégia, contratacar e vencer não é heroísmo? O general respondeu: tens razão Sócrates. Sócrates, da mesma maneira, ou seja, utilizando a dialética, chamada de maiêutica ou partogênese, buscava desenvolver o ato de conhecer sobre a ética, a moral, a política, a temperatura e a virtude que são os objetos de conhecimento de preferência desse filósofo grego. Descobre-se o homem não pelo eu subjetivo, mas por sua consciência gradual dos sistemas universais que determinam a sua essência. Sobre isso,JAEGER. (2001, p 15) explica que:

> O Homem, considerado na sua ideia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa. [...] a essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade. Os gregos foram adquirindo gradualmente consciência clara do significado desse processo mediante aquela imagem do Homem, e chegaram, por fim, através de um esforço continuado, a uma fundamentação, mais segura e mais profunda que a de nenhum povo da Terra, do problema da educação.

Com efeito, percebe-se um modelo diversificado da educação grega, tendo como exemplo as Cidades-estados gregas Esparta e Atenas. Esparta priorizava as atividades voltadas para a guerra e os espartanos, quando ainda crianças, eram tirados da família onde seriam educados pelo Estado no exército, eles transformavam-se em perfeitos guerreiros, devido ao intenso treinamento mi-

litar; em Esparta, esse era um sistema educacional que servia de base para a organização em sociedade.

Em Hegel a dialética é o momento propício para a negação de toda a realidade: "a dialética, não que seja a forma de toda a realidade, mas é aquilo que lhe permite alcançar o caráter verdadeiramente positivo". A dialética é em suma, o que torna possível o desenvolvimento e, por consequência, o amadurecimento e a realização da realidade. Nesse sentido, a realidade é dialética e nela se reflete o movimento interno da realidade, que se articula no conhecimento sobre a mesma realidade e suas ideias, que de fato se articulam em tríades. Exemplo, Ser – Essência – Conceito; Qualidade – quantidade – medida.

Herdeiros de Hegel, Engels e Karl Marx assumem o método dialético, em sua análise da realidade histórica de seu movimento. O surgimento do Capitalismo para Engels, a lógica dialética e o método dialético conformam a melhor ferramenta, e mais afiada, para estabelecer o conhecimento verdadeiro sobre as mudanças históricas, as mudanças naturais com o qual se funda o materialismo dialético, que permite a Karl Marx fundamentar sua análise do Capital e da exploração capitalista, e levar a frente, a luta pela libertação dos trabalhadores e de todos os povos explorados do mundo. Essa aplicação político-econômica do método dialético se deu inicialmente, na União Soviética e posteriormente em muitas partes do mundo, Angola, Cuba, Coreia do Norte e também o surgimento de diversos movimentos de libertação pelo mundo.

A Dialógica

A dialógica é conhecida como metodologia transdisciplinar, como princípio da complexidade e como possibilidade de perceber o mundo, significando a compreensão da realidade nas dimensões pluridisciplinar e interdisciplinar. Como processo discursivo, a dialógica se detém na articulação de ideias antagônicas e não antagônicas, são ideias que se complementam ou não, enquanto a busca da religação de diferenciados saberes. É possível, diante deste processo, fazer uma leitura das partes e das relações com o todo do conhecimento em busca da compreensão significativa da complexidade do mundo (NICOLESCU, 2005).

Como mostraram LUCENA A. M. S.; SARAIVA (2016.),

> A dialógica é conhecida como metodologia transdisciplinar, como princípio da complexidade e como possibilidade de perceber o mundo. Mikhail Bakhtin e Paulo Freire compreendem a realidade de modo dialógico nas dimensões pluridisciplinar e interdisciplinar, enquanto Edgar Morin e Basarab Nicolescu compreendem a realidade a partir da dimensão da transdisciplinaridade. Nos referidos autores, o diálogo apresenta-se como fio condutor das possibilidades de compreensão do todo.

Ao apresentar a dialógica como transdisciplinaridade, ela é princípio metodológico norteador de um processo de análise da realidade e o principal aspecto do conhecimento sistematizado. Essa é uma ação transdisciplinar, que acontece em três etapas simultâneas: análise de diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade. Elas se constituem num processo de conhecimento disciplinar, multidisciplinar, pluridisciplinar e interdisciplinar, estes aspectos fazem parte do pensamento de E. Morin (2003), da unidade na diversidade e da diversidade na unidade.

É uma maneira de se construir o pensamento pelo processo discursivo da dialógica, é a percepção de uma realidade que está para além da totalidade dialética. Enquanto esta analisa e se propõe a construir uma síntese da realidade, a outra, ao perpassar pela análise e a síntese dos conteúdos dados, propõe a abertura de tais conteúdos em suas múltiplas direções, na busca das múltiplas conexões que compõem e caracterizam as realidades complexas do mundo.

No cenário da dialógica enquanto processo discursivo aproximam-se as ideias de MORIN (2002, p 20), em que esse filósofo define suas ideias atuais como a Teoria da Complexidade, e nos convida a repensar o conhecimento, possivelmente reinventando a nossa visão sobre o pensar, o fazer e o existir humano, mas não sem antes alertar para o risco do erro e da ilusão. O referido pensador destacou que:

> O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro.

Morin pressupõe uma maneira de pensar o real na construção dos saberes científicos, e com isso aponta princípios epistêmicos para construção de uma epistemologia da complexidade. Esta episteme complexa está relacionada com a função de conhecer como se interligam os saberes, numa inter-relação empírica de fenômenos aleatórios com a dialógica, ou seja, a inter-relação de incertezas e objetividade científica; a lógica do terceiro incluído faz parte desse pensamento.

Morin esclarece, "[na] complexidade há um polo empírico e um polo lógico e a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas" (MORIN, 1996, p 274). Morin e seus colaboradores estabelecem outra forma de abordagem à construção dos saberes que se inter-relacionam, criando uma atmosfera noológica advinda de uma noologia. Em outras palavras, é a interdisciplinaridade das ideias, dos saberes e dos paradigmas científicos que se interconectam em uma rede complexa de realidades.

Todas as sociedades humanas engendram uma noosfera, esfera das coisas do espirito, saberes, crenças, mitos, lendas, ideias, onde os seres, nascidos do espírito, gênios, deuses, ideias-força, ganham vida a partir da crença e da fé. A noosfera, meio condutor e mensageiro do espírito humano, põe-nos em comunicação com o mundo, ao mesmo tempo em que serve de tela entre nós e o mundo, abre a cultura humana ao mundo, enquanto o encerra em sua nebulosa. Extremamente diversa de uma sociedade para outra, encadeia todas as sociedades (MORIN, 2002, p 44).

Morin afirma que no conhecimento, o erro e a ilusão são fatores presentes. Assim, desde seu aparecimento, todo conhecimento admite esse risco. Não podemos considerar o conhecimento como algo imutável, sem que sua natureza não seja examinada. É importante entender como se processa o ato de conhecer, para nos prepararmos para enfrentar os caminhos tortuosos do erro e da ilusão no processo de construção do conhecimento.

BRITO (2000/2001, p 14) sobre isso falou que:

> No entendimento de Morin, como a teoria não é um reflexo do real, mas um sistema de ideias, uma construção do espírito que levanta problemas, o conhecimento do mundo dos fenômenos, mesmo pelo conhecimento científico, é feito através das teorias. Mas como os sistemas de ideias obedecem não apenas a princípios lógicos (reunião), mas também a princípios ocultos (paradigmas), para conhecer o conhecimento científico e, em princípio, todo o conhecimento, é necessário conhecer o universo da noosfera, com a sua noologia, ou seja, é preciso conhecer o modo de existência de organização das ideias. Como esta ciência noológica não existe, talvez seja desejável inventá-la.



1.1. Para refletir

Desta maneira, surge o problema de como constituir um saber que articule os conhecimentos globais e essenciais da sociedade humana com os saberes locais de cada cultura. A fragmentação do conhecimento, marcado pelas disciplinas, sem uma característica transdisciplinar, proporcionou um difícil entendimento de como inter-relacionar as partes como o todo para compreender a totalidade.

1.2 As dimensões do conhecimento e a sua importância no desenvolvimento da cultura humana

Não existe sociedade humana, antiga ou moderna, que não tenha cultura, porém cada cultura é única. Ela, como algo referente à capacidade, e a necessidade que os homens e as mulheres têm de aprender uns com os outros, possui ainda a característica em que os membros de uma sociedade são resultados da herança biológica, em boa parte.

No pensamento MATURANA (2001) , essa capacidade e essa necessidade diz respeito à epigênese, que é um processo aleatório de mudanças estruturais, acontecidas no indivíduo, com as interações com o meio a partir de certa estrutura inicial, e essa estrutura inicial é determinada pela genética.

O homem não herda a cultura só biologicamente, o que acontece é uma influência dos fatores culturais na conformação de estrutura biológica, cognitiva do organismo humano, certo determinismo de ordem ecossistêmica, que influencia na percepção e na criação do mundo. O humano existe no conviver, na inter-relação do falar e do se emocionar que é o conversar. Também “o humano vive em redes de conversações que constituem culturas, e também se vive nos modos de vida que as culturas constituem como dimensões relacionais, que descrevemos como dimensões psíquicas, espirituais ou mentais” (MATURANA, 2001, p 121).

Em nosso viver humano, a cultura se relaciona a um código de símbolos, ela passa por toda a constituição das relações socioculturais, ou seja, da expressão de um povo, nas artes, no modo de vida, nos costumes e nas ciências, e também por aqueles processos psíquicos das relações da mente dos sujeitos com as maneiras em que a realidade se apresenta a elas.

Quanto aos símbolos, estes só podem ser compreendidos no interior de um determinado código de significados. Na cultura, todos esses sistemas de códigos e símbolos organizados são o que constituem uma dada realidade, ainda, que eles na sua incompletude natural não desenvolvam a totalidade dos processos intermentais e suas relações com a cultura e seus resultados latentes.

Se não fosse desse modo, se o homem não fosse orientado por certos padrões culturais, seu comportamento seria, "virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma" (GREETZ, 1989., p 58), qualquer meio e qualquer forma de ser também tida.

A cultura também está ligada a uma capacidade comum a toda sociedade humana. Esta capacidade é o que permite, e é uma condição fundamental, a possibilidade de uma dialogicidade cultural, ou seja, na construção da nossa história de vida, passamos a entender o mundo a partir do nosso próprio ponto de vista; o ser social dos outros conforme o nós, o enriquece, somos necessariamente culturais e interculturais, a condição de uma cultura única não explicaria a essência de nossa incompletude.

Na cultura, ao nos depararmos com costumes diferenciados, temos a capacidade de compreender esses costumes diferenciados e dar-lhes um sentido, como disse TOMAZ (2000), podemos entendê-la como:

> Fenômeno unicamente humano, a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois, a um fenômeno individual [...]. O homem, porém, é um ser social, o que quer dizer que compartilha com outros homens formas de agir e de pensar. São estas formas de agir e de pensar – pensar sobre o mundo e sobre as próprias ações – que são compartilhadas por um dado agrupamento humano em qualquer época e qualquer lugar que constitui o objeto privilegiado da Antropologia (p. 437).

Atividade 1.1

Um Resumo, pode se constituir num texto que busque a recapitulação ou a elaboração, em síntese, das principais e das secundárias ideias de um texto, que pode ter sido lido ou construído pela produção de um conhecimento sistematizado por uma pesquisa. O Resumo Crítico, por sua vez, é uma síntese que auxilia o leitor a compreender tal obra, seguindo a mesma linha de raciocínio e as ideias do autor original, mas expostas pelas palavras de quem está fazendo o Resumo Crítico, de forma coerente e sem fugir da ideia original do autor. Sugerimos um pequeno roteiro para a nossa atividade: Tema, Assunto discutido, Conclusão e Análise Crítica

Atividade 1: Estudante, ao realizar a leitura das sessões 1.1, desta Unidade I, construa um Resumo Crítico seguindo o modelo explicado acima.

1.1. Saiba Mais

A introdução à noosfera

Ainda não existe, infelizmente, uma noologia, destinada ao âmbito do imaginário, dos mitos, dos deuses, das ideias?, ou seja, a noosfera.

Alimentamos com nossas crenças ou nossa fé os mitos ou ideias oriundos de nossas mentes, e esses mitos ou ideias ganham consistência e poder. Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia.

Assim, seria preciso ajudar as mentes adolescentes a se movimentar na noosfera (mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, ideias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura) e ajudá-las a instaurar o convívio com suas ideias, nunca esquecendo que estas devem ser mantidas em seu papel mediador, impedindo que sejam identificadas com o real. As ideias não são apenas meios de comunicação com o real; elas podem tornar-se meios de ocultação. O aluno precisa saber que os homens não matam apenas à sombra de suas paixões, mas também à luz de suas racionalizações.

A filosofia da vida

O aprendizado da vida deve dar consciência de que a “verdadeira vida”, para usar a expressão de Rimbaud, não está tanto nas necessidades utilitárias – às quais ninguém consegue escapar –, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas.

É para o aprendizado da vida que o ensino da filosofia deve ser revitalizado. Então, ele poderia fornecer o indispensável suporte dos dois produtos mais preciosos da cultura europeia: a racionalidade crítica e a autocrítica, que permitem, justamente, a auto-observação e a lucidez; e, por outro lado, a fé incerta, que será objeto do capítulo seguinte.

A filosofia, ao contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, reencontraria, assim, sua grande e profunda missão. Como já acusam as salas e os bares de filosofia, a filosofia diz

respeito à existência de cada um e à vida quotidiana. A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura.

MORIN, Edgar, A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

1.2. Para melhor entender os conceitos de Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, leia o texto complementar: **Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade: dos conhecimentos e suas histórias** Adilson Xavier da SILVA et al. Acesso pelo Google:

RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 979-996, jul./set., 2018. E-ISSN:1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v13.n3.2018.11257

1.1. Glossário

1. **Metafísicas**: A metafísica tem o intuito fundamental de examinar a realidade, nas relações: mente e matéria, substância e atributo, e entre potência e atualidade. (Wikipédia)

2. **Fenômeno**: É o que sofre à ação da nossa percepção enquanto explicação científica; na filosofia está relacionado a absorção imaginativa de um objeto, sendo este reconhecido (sem reflexão) pela consciência, a "aparência".

3. **Psíquica**: Está relacionado ao que ocorre em nível mental da pessoa, seu aspecto psicológico.

4. **Paradigma**: São crenças e valores dos cientistas, o sentido de visão ou a concepção de mundo implícita na atividade científica, são os critérios de cientificidade compartilhados pelos cientistas; os princípios gerenciadores da investigação científica, refletem seu paradigma, sua epistemologia, sua visão de mundo, as crenças e os valores com que estão comprometidos na construção do conhecimento sistematizado.

5. **Ontologia**: Segundo o aristotelismo, parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral; no heidegerianismo, reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências [Opõe-se à tradição metafísica que, em sua orientação teológica, teria transformado o ser em geral num mero ente com atributos divinos.]. (Dicionário do Google).

6. **Exegese**: Comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra; interpretação de obra literária, artística etc. (Dicionário do Google).

Unidade 2

A pesquisa e as atividades acadêmicas. Leitura analítica e crítica. Resumos, resenhas, fichamentos

Introdução

Nesta Unidade II, trataremos da Metodologia de Estudo: princípios e organização do horário de trabalho a construção individual de plano de estudo. Faremos uma Introdução sobre o pensamento científico: a problematização da realidade levando em consideração o sujeito e o objeto de estudo, em aproximações com a Educação do Campo. Pretenderemos pela reflexão coletiva, continuar com nossa prática da produção textual, ao mesmo tempo em que, refletimos e construímos conceitos no saber sistematizado. Insistimos no trabalho dialógico, que parte de ações construídas em sala de aula com os graduandos, com a literatura acadêmica sistematizada e a criatividade da ação refletida no ensino-aprendizagem das aulas, assim vamos desenvolvendo nossas Atividades Avaliativas pela produção textual.

Nosso eixo central de estudo são a pesquisa e as atividades acadêmicas, realizaremos Leituras analítica e crítica. São ideias norteadoras específicas que perpassam pela metodologia de estudo, com aportes conceituais da complexidade na pesquisa científica e o exercício das atividades acadêmicas. A construção individual do plano de estudo e a chegada ao Projeto de Pesquisa, estão nos objetivos planejados à formação do sujeito leitor e produtor do texto científico.

É nesse sentido que destacamos a importância da metodologia científica a partir do projeto de pesquisa para a construção do Trabalho Científico (Monografias, Dissertações e Teses) na Educação do Campo. Pode-se dizer que, estudar é realizar experiências sob os fundamentos da análise crítica com o objetivo de apreender informações, úteis a resolução de problemas. Em nosso processo de aprendizado vamos nos apropriando do que foi produzido por nossos antepassados em nossa cultura, e ao mesmo tempo em que vamos sendo formados pela cultura, também construímos a própria cultura humana, na inter-relação com as relações das realidades e dos diálogos em suas múltiplas dimensões.

São os aspectos teórico-metodológicos que estamos desenvolvendo nessas aulas que aparecem como necessidade de se construir em nosso momento de apropriação sistemática da realidade, na produção do conhecimento, um caminho a ser percorrido em relação as análises de dados efetivamente realizadas a partir das observações da realidade objetiva, na produção do conhecimento científico com aporte no paradigma sistêmico.

Na área da educação do campo, afirmamos que é preciso cultivar o fazer educativo de uma escola partícipe com a comunidade, em prol de uma sociedade melhor. É necessário enfrentar o desafio de discutir com todos e todas, que somos uma só sociedade, a sociedade humana, em sua multiplicidade, em suas diferenças e em suas incompletudes, isso caracteriza o humano. Nas comunidades do campo, ensinar as lutas por uma educação do e no campo e as lutas por uma educação inclusiva que tenham qualidade, expõem a diversidade dos sujeitos coletivos, em busca de um projeto de educação para uma sociedade humanizada.

2.1 Metodologia de Estudo: aportes conceituais da complexidade na pesquisa científica e o exercício das atividades acadêmicas

Pode-se dizer que, estudar é realizar experiências sob os fundamentos da análise crítica com o objetivo de apreender informações, úteis a resolução de problemas. O dicionário Aurélio da língua portuguesa, define o estudo como aplicação zelosa do espírito para aprender; aplicar a inteligência para apreender; dedicar-se à compreensão de fatos, fenômenos, seres, ações. Quando entramos na carreira acadêmica no ensino superior, trazemos toda uma história de experiências adquiridas na nossa relação com as realidades que nos cercam. Podemos, aqui, falar de percepção da realidade. Este é um movimento que nos põe numa complexidade existencial, que envolve o ser humano, o ambiente e as realidades, diz respeito à percepção e à conformação na apropriação do mundo pelo sujeito. Em termos neurobiológicos, MATURANA (2001, p 80) explica que “o fenômeno conotado pela palavra perceber não é a captação de traços

de um mundo exterior". O fenômeno da percepção não consiste na captação de informações, nem na obtenção de impressões sensíveis, e também a ilusão não pode ser marcada por uma comparação direta com a realidade, pois o ser humano é constituído de uma incapacidade de observação direta da realidade.

Tudo o que os indivíduos fazem, no que diz respeito ao comportamento, acontece como um resultado da nossa dinâmica estrutural. Essa nossa estrutura é, em todo momento, a conformação dinâmica estrutural cambiante que surge em nós naquele instante, como sendo produto das reflexões nas quais estamos envolvidos, naquele momento, em coincidência com a dinâmica estrutural do fluir da estrutura autônoma de nossa corporalidade.

Como efeito a isso, em cada momento, as estruturas particulares dos indivíduos são uma expressão da história estrutural dos sistemas de interações, conversações e reflexões, das quais, nós, como pessoas, fazemos parte. Como membros de um sistema de comunidades sociais e não-sociais, somente originamos as conversações, reflexões e interações acontecidas de acordo com a nossa presença estrutural naquela rede. Além de tudo, essa dinâmica estrutural acontece na presença de nossa realização biológica, e é uma característica dos seres humanos.



Fonte: https://www.dreamstime.com/photos-images/festival-holi.html

Em nossa cultura, isso constitui a nossa história de vida e ela nunca está dissociada de tudo aquilo que aprendemos na escola, na educação básica, é um processo de desenvolvimento que proporciona e é responsável por toda a maneira de como desenvolvemos a escrita. O ato de escrever, partindo das percepções e apropriações da realidade nos coloca no mundo da linguagem e nos conduz a uma maneira própria de construirmos o mundo e ressignifica-lo conforme as aparências dos fenômenos.

2.1. Esta apropriação, a priori é fenomenológica, vai se constituindo e se reelaborando conforme vamos apreendendo os elementos que estão no mundo das aparências sensíveis. É a significação do que foi apreendido e elaborado pela cognição humana, mediado pelas coisas, pelas ideias e pelos textos de nossa literatura cultural. O texto escrito permite-nos a reelaboração, o retorno a significação e ressignificação da realidade concreta do mundo.

Sobre essa concretude, significa dizer que, em nosso processo de aprendizado vamos nos apropriando do que foi produzido por nossos antepassados em nossa cultura, e ao mesmo tempo em que vamos sendo formados pela cultura, também construímos a própria cultura humana, na inter-relação com as relações das realidades e dos diálogos em suas múltiplas dimensões.

Diante disso, a posteriori este movimento torna-se dialógico, enquanto possibilidade de pensar e construir o mundo das coisas e das ideias, a própria cultura humana, no rompimento das barreiras culturais estabelecidas pelas línguas e pelas ideias que impedem o nosso reconhecimento multicultural e interpessoal. Como destacou, em suas reflexões Ricoeur (1991), "se a cultura da sustentabilidade oferece uma nova percepção da Terra, considerando-a como uma comunidade humana única de seres humanos, isso leva para uma cultura da paz. Guerras e violência existem porque nós não nos conhecemos", este filósofo entende isso como o paradigma da Terra, numa perspectiva civilizadora.

Neste mesmo sentido, JAPIASSU (2016) entende que é imprescindível a eliminação das fronteiras que se estabelecem, "entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda. Precisamos substituir o paradigma que nos obriga a conhecer por disjunção e redução pelo paradigma que nos permite conhecer por distinção e conjunção".

Esses aspectos metodológicos, de abordagem conceitual, que não se dissociam da conformação biopsicocultural do sujeito, possibilitam a aproximação com os procedimentos da ciência que, de maneira indubitável, nos põem na distinção entre a aparência e a essência dos fenômenos. Se quer dizer aqui, que esses aspectos discutidos demarcam uma concepção de abordagem na construção do conhecimento sistematizado, no que hoje se está chamando de paradigma sistêmico.

Diante disso, a pesquisa científica como instrumento da ciência, constitui-se como veículo na produção do conhecimento, como abordagem epistemológica e problematizadora das realidades que se apresentam, em suas relações complexas e multifacetadas. São relações que têm a ver com a teoria, a análise e

a política, essas se interconectam na conformação complexa das realidades objetivas e subjetivas das culturas e dos indivíduos na dinâmica social.

Esta complexidade de produção e existência das culturas e dos indivíduos, como perspectiva da compreensão do mundo, pelo caminho da pesquisa sistematizada, possui características metodológicas próprias de abordagem para a apreensão da realidade. Ela surge no espaço de estudos e pesquisas, em que se dão os debates e as análises das problemáticas da realidade objetiva, num contexto em que o sujeito se vê no mundo de complexidades que se inter-relacionam em multirealidades, como nos alertou JAPIASSU (2016, p 4).

> se quisermos dominar um objeto, não podemos confiar no conhecimento fragmentado nem na apreensão holística. Precisamos romper com o velho dogma reducionista de explicação pelo elementar e considerar os sistemas complexos, onde as partes e o todo se inter-fecundam e se inter-organizam.

É em meio a isso, que o sujeito se constrói como ser biopsicossocial e político, ao mesmo tempo em que constrói o mundo das realidades, estas advindas de uma objetividade complexa em seus níveis de realidade e que está avessa a simplificação do mundo. Esse movimento permiti o aparecimento de relações sistêmicas que se interconectam num cenário complexo interdisciplinar e transdisciplinar de objetividades, subjetividades, ideologias e culturas. Esses aspectos são inerentes a um mundo em que entende o sujeito como um ser que não está dissociado da realidade, por isso, do objeto a que esse se propõe a conhecer.

Sobre as populações do campo, significa dizer que, elas precisam ser atendidas em seus reais interesses, e mais restritamente sob os interesses daqueles que vivem em comunidades assentadas. Na Amazônia e em outros ecossistemas semelhantes pelo mundo, aí estão pessoas que vivem na floresta e nas margens dos rios, com poucas relações com o centro urbano. Elas levam suas dificuldades e deficiências de maneira mais desafiadora no ambiente de floresta e nos rios onde vivem.

2.2 A construção individual do plano de estudo e a chegada ao Projeto de Pesquisa

Levando em consideração os aspectos discutidos no item anterior, não deixando a conexão com a Unidade I, já trabalhada em nossos estudos até agora, entraremos em uma parte de nossos trabalhos de estudos relacionados aos

aspectos práticos do que estamos chamando de construção individual do plano de estudo. Isso significa que, frente a todo esse aspecto teórico que estamos desenvolvendo, existe a necessidade de se construir em nosso momento de apropriação sistemática da realidade, na produção do conhecimento, um caminho a ser percorrido em relação as análises de dados efetivamente realizadas a partir das observações da realidade objetiva.

É pela análise de dados, em que o sujeito, quando da produção do conhecimento e a observação dos processos relacionais, que constituem as interconexões das coisas e das ideias na realidade social observada, no momento das sistematizações, entramos no momento da objetivação daquilo que foi apreendido. Daí, é que ao se refletir sobre esse primeiro momento de abordagem sistemática, na produção do conhecimento, poderemos chegar as categorias de análises mais evidentes que se mostraram num primeiro momento e daí avançar no estabelecimento das interconexões complexas que se estabelecem na realidade a ser apropriada e desvelada pelo que irá ser definido como conhecimento sistematizado pela pesquisa científica.

Nesse processo metodológico trazemos para nosso estudo (aula), elementos que tecnicamente vão nos permitir o início de toda a construção sistematizada do conhecimento a ser apreendido e analisado, refletido e comprovado em sua aproximação com o real, aqui entendido nas condições do pensar NICOLESCU (2005), existem diferentes e incontínuos níveis de realidade e que estes determinam a estrutura descontínua do objeto em sendo um recorte da realidade, esse que só pode ser compreendido no espaço transdisciplinar.

É necessário fazer a distinção entre o real e a realidade. O real é o que está velado para sempre, é o que é, não há nada a acrescentar, portanto, é o que não é acessível ao nosso conhecimento,

> a palavra “realidade” é uma das palavras mais ambíguas de todas as línguas do mundo. Todos nós acreditamos saber o que é a realidade, mas, se nos interrogarmos, descobriremos que há tantas acepções dessa palavra quanto habitantes sobre a terra. Não é, pois, surpreendente que inumeráveis conflitos agitem incessantemente os indivíduos e os povos: realidade contra realidade. “O que é a realidade?” – se pergunta Charles Sanders Peirce. Ele nos diz que, talvez, não haja nada que possa corresponder à nossa noção de “realidade”. Talvez seja a nossa tentativa desesperada de conhecer que engendre essa hipótese não justificada. Mas, nos diz ao mesmo tempo Peirce, se há verdadeiramente uma realidade, então ela deve consistir em que o mundo vive, se move e tem nele mesmo uma lógica dos acontecimentos que corresponde à nossa razão (NICOLESCU, 2013).

A realidade é acessível ao nosso conhecimento, ela é acessível ao dom do conhecimento porque resiste ao nosso conhecimento, logo, é necessário dissociar a realidade dos sonhos. Nos Níveis de Realidade do Objeto, estão as não-resistências à nossas experiências, representações, descrições, imagens e formalizações matemáticas. Isso se dá devido às limitações de nossos corpos, de nossos órgãos dos sentidos e de nossos instrumentos de medidas, são aspectos que têm a ver com a realidade; esse pressuposto teórico, quanto ao Real, é a base que sustenta a análise do conhecimento pela dialógica, que perpassa pela dialética.

Os trabalhos acadêmicos e as pesquisas são consideradas como mecanismo viabilizador que despertam aptidões para o campo científico, os recursos humanos de um bom nível criativo e inovador são necessários para o progresso científico e tecnológico de qualquer país. A preparação de novos pesquisadores não pode ser considerada como uma tarefa passageira ou momentânea, ela é uma obrigação das universidades e institutos de pesquisa, por isso é necessário escrevermos para planejar nossos estudos, registrar nossas observações, organizar nossas reflexões.

Além dos elementos que constituem um trabalho científico, é importante que o pesquisador possua mente aberta à criatividade e principalmente à curiosidade, tenha um bom vocabulário, e isso se constrói na relação orientador e orientando, no respeito e na escuta de quem está orientando, também no respeito ao novo que se está construindo nas reflexões do jovem pesquisador.

O pesquisador deve fazer frequentes leituras, consultar assiduamente a literatura científica da área em que está se debruçando na pesquisa e dicionários especializados, além de participar, seja como ouvinte, painelista, debatedor ou conferencista, de congressos, seminários, simpósios e encontros de sua área; a escolha do vocabulário adequado depende em grande parte de sua formação.

Quanto ao projeto de pesquisa faz-se necessário que este apresente relevância da proposta de pesquisa, daquilo que se quer desvelar na produção do conhecimento. Em geral esse processo dá-se início na graduação pelos Programas de iniciação científica, os PIBICs. A partir daí o estudante inicia sua carreira como pesquisador, ao fim da graduação estão disponíveis os Programas de Pós-Graduações das Universidades em suas respectivas áreas de pesquisas para formação de Mestres e Doutores.

Em geral, nos Programas de Pós-Graduação das Instituições de Ensino Superior são consideradas áreas de concentração e as linhas de pesquisas, em que o candidato a pesquisador irá se submeter a uma avaliação, quanto ao currículo acadêmico e a relevância de seu projeto de pesquisa, dentre outros aspectos avaliativos segundo as normas de cada IES, que por meio de Editais concedem concursos públicos aos futuros(as) pesquisadores(as).

A publicação dos trabalhos acadêmicos, em geral as monografias, dissertações e teses científicas são apresentadas e publicados, seus resultados, sob forma de artigos em periódicos indexados, em que os pesquisadores divulgam os

resultados de suas investigações e reflexões. Para que um artigo seja publicado em periódico científico, algumas qualidades são requeridas. O tema deve ser relevante, a pesquisa de qualidade e o relato bem-feito, os periódicos científicos apresentam em suas plataformas os critérios de publicação, que em geral possuem: Elementos pré-textuais (título, resumo e palavras-chave); Elementos textuais (introdução, desenvolvimento e considerações finais); Elementos pós-textuais (referências, apêndices e anexos).

2.1. O TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

O trabalho de conclusão de curso é parte integrante da atividade curricular de muitos cursos de graduação, constituindo assim uma iniciativa acertada e de extrema relevância para o processo de aprendizagem dos alunos. Para grande maioria, ele representa a primeira experiência de realização de uma pesquisa. Como vivência de produção de conhecimento, contribui significativamente para uma boa aprendizagem. Deve ser entendido e praticado com um trabalho científico e as diretrizes para a sua realização são as que foram apresentadas no capítulo quarto. Mas, contando com um orientador, o aluno terá também um acompanhamento personalizado e direto na condução de suas atividades de pesquisa. Articulado ao próprio conteúdo do curso, as disciplinas e o convívio com os professores, no ambiente acadêmico, o aluno terá oportunidade de formular o seu projeto e desenvolvê-lo ao longo de alguns anos, cumprindo um cronograma articulado com o planejamento do próprio curso, de comum acordo com o orientador. Pode ser um trabalho teórico, documental ou de campo. Quaisquer que sejam as perspectivas de abordagem, a atividade visa articular e consolidar o processo formativo do aluno pela construção do conhecimento científico em sua área. Embora o TCC tenha regulamentações específicas nas diversas instituições de ensino, em alguns casos, é prevista também apresentação e defesa públicas do trabalho, por banca examinadora própria, como via de sua avaliação final. O texto do trabalho tem estrutura e apresentação de acordo com os padrões gerais de todo trabalho científico (cap. IV), complementadas por eventuais diretrizes específicas definidas pela própria instituição do curso.(SEVERINO, 2018)

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 24. Ed. (Revista e Atualizada). São Paulo/SP: Cortez. 2018.

Esses elementos são definidos pela Associação Brasileiras de Normas Técnicas (ABNT), são normas de produção técnico-científicas diretamente relacionadas com a produção acadêmica oficializadas em nosso país. Exemplificando, ABNT-NBR 6022, ABNT-NBR 6023, ABNT-NBR 10520, ABNT-NBR 6027 dentre

outras à construção e publicação dos textos científicos. Nos deteremos melhor sobre tais normas na próxima Unidade III.

2.3 A importância da metodologia científica a partir do projeto de pesquisa na construção do Trabalho Científico (Monografias, Dissertações e Teses) na Educação do Campo

O que motiva a realização da pesquisa diz respeito ao interesse e ao compromisso da atuação profissional do pesquisador, em aprofundar seus conhecimentos e trazer à tona o debate sobre os aspectos da área de conhecimento em que ele atua. Sobre o enredo metodológico que se está discutindo aqui, levamos em consideração as concepções relacionadas às ideias da complexidade, da transdisciplinaridade e as possibilidades de se evidenciar aspectos da construção do conhecimento pela dialógica como passo à frente da dialeticidade das ideias sistematizadas.

Aqui refletimos sobre o aspecto da pesquisa como trabalho humanizador, sua importância como ele se relaciona a uma proposta de estudo contrária ao processo de individualização e autoritarismo pela detenção do saber. Tal aspecto propõe construir a ação humana e o contexto político-histórico-social, na valorização do indivíduo, suas crenças, cultura e sua experiência de vida, mediado pelo processo educativo de uma Educação verdadeira ao alcance de todos, evidenciada como uma ação orgânica do trabalho intelectual em prol do coletivo; este é um fazer criativo que tem a ver com o dever e o compromisso de retornar a sociedade as contribuições do conhecimento sistematizado pela cultura humana, no intuito social de mudanças por uma vida melhor. É uma ação já discutida originalmente nos estudos de GRAMSCI (2001, p 13-14) , neste sentido ele afirmou que:

> [...] criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa, também, e sobre tudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer, transformá-las, portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de uma multidão de homens [e mulheres] seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta por parte de um “gênio filosófico”, de uma verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais.

No campo da Educação, os paradigmas atuais direcionam-se para a busca da formação de um novo profissional e de um novo cidadão. Como essas ideias paradigmáticas não estão bem definidas, os professores e as professoras não sabem bem o que fazer na sala de aula ou definir no currículo o que precisa ser aprendido significativamente.

Daí a necessidade de uma praxe pedagógica ligada ao agir em harmonia com o cotidiano no ambiente de interação que é a sala de aula e a individualidade do aprendiz. "Do ponto de vista da relação do homem com seu sentido de vida, a vinculação com o que é natural, tende a produzir uma visão estimulante da vida e, por conseguinte, criar uma situação estimuladora favorável à aprendizagem" (SCHETTINI, 2005, p. 21).

É preciso cultivar o fazer educativo de uma escola partícipe com a comunidade, em prol de uma sociedade melhor. É necessário enfrentar o desafio de discutir com todos e todas, que somos uma só sociedade, a sociedade humana, em sua multiplicidade, em suas diferenças e em suas incompletudes, isso caracteriza o humano. Nas comunidades do campo, ensinar as lutas por uma educação do e no campo e as lutas por uma educação inclusiva que tenham qualidade, expõem a diversidade dos sujeitos coletivos, em busca de um projeto de educação para uma sociedade humanizada.

A pesquisa é um mecanismo lógico racional, relativo, que tem o propósito de descobrir respostas aos impasses propostos. Nas classificações das pesquisas objetivas, destacamos as seguintes, pesquisa exploratória, esta diz respeito a um fato ou fenômeno, após a pesquisa exploratória a pesquisa descritiva busca descrever o fato ou fenômeno de forma explorativa, descobrindo ou criando, a criação de uma teoria plausível para um fato ou fenômeno, se chama pesquisa explicativa.

Na pesquisa de coleta de dados, são usados procedimentos utilizados para juntar informações de um raciocínio em volta de um fenômeno, fato ou problema. São destacadas como, pesquisa experimental, entrevista, questionário, estudo de caso, observação, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

No contexto da pesquisa está o Método Científico, que é uma soma de períodos e etapas a serem ordenadas, na busca por fatos e verdades.

2.2. Questões de Método

Várias revisões de pesquisas da área de educação (ANDRÉ, 2000; CARVALHO, 1998; GATTI, 2000; WARDE, 1993) têm apontado a fragilidade metodológica dos estudos e pesquisas, que tomam porções muito reduzidas da realidade, um número muito limitado de observações e de sujeitos, levantamento de opiniões com instrumentos precários, análises pouco fundamentadas, e interpretações sem respaldo teórico. Isso é válido tanto nos estudos do tipo survey quanto nas abordagens qualitativas. Nos estudos de grandes amostras e dados quantitativos surgem várias questões, muito bem sintetizadas por Gatti (2000. p.12):

> Verificamos hipóteses mal colocadas, variáveis pouco operacionalizadas ou operacionalizadas de modo inadequado, quase nenhuma preocupação com a validade e a fidedignidade dos instrumentos de medida, variáveis tomadas como independentes sem o serem, modelos estatísticos aplicados a medidas que não suportam suas exigências básicas, por exemplo de continuidade, intervalaridade, proporcionalidade[...].

A autora também resume muito adequadamente os problemas encontrados nos estudos “qualitativos”:

> Observações casuísticas, sem parâmetros teóricos, a descrição do óbvio, [...] análises de conteúdo realizadas sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução do dado e de percepção crítica dos vieses situacionais, desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental (p. 12).

A esses problemas eu acrescentaria outros que venho detectando numa revisão de estudos que abordam o tema da formação docente e que tendem mais recentemente a usar a pesquisa-ação: há frequentemente

uma certa confusão entre o que seja ação formativa e pesquisa-ação, entre o papel do pesquisador e o papel dos participantes, entre ensino e pesquisa, ação e investigação. Esses pontos merecem séria consideração, principalmente por parte dos orientadores dos diversos programas de pós-graduação do país, pois são problemas que foram localizados numa análise das dissertações e teses produzidas nos anos 90.

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Ao focalizar a situação atual da pesquisa em educação não podemos deixar de considerar as condições reais de produção do conhecimento. Afinal em que condições trabalham os pesquisadores? Com o que contam ou deixam de contar?

Quais as condições de produção do conhecimento dos discentes?

No caso dos mestrandos, o tempo de formação é curto demais. É possível formar o pesquisador em dois anos ou dois anos e meio? Não estaríamos comprometendo a qualidade da produção científica ao se fixar um tempo tão curto? É verdade que alguns mestrandos passaram pela Iniciação Científica e aí se nota a grande diferença; pois isso os faz seguir mais rápido, e em geral com um nível de qualidade superior aos que não tiveram a mesma experiência.

Mas esse programa abrange ainda um número muito reduzido de alunos, o que torna seu impacto também reduzido. No caso dos doutorandos, o tempo de titulação é maior, o número de disciplinas, em geral é menor do que para os mestrandos, já têm alguma experiência de pesquisa, nem que seja só a do mestrado, o que lhes dá melhores condições aparentemente para produzir bons trabalhos.

Entretanto, percebe-se também que encontram dificuldades, seja porque lhes faltam condições concretas, já que muitos mantêm sua atividade profissional, viajam, não têm bolsa, seja porque os programas de doutorado não oferecem atividades que os ajude a realizar trabalhos com densidade teórica e cuidado metodológico. Por exemplo, o envolvimento em grupos de pesquisa poderia não só trazer uma rica contribuição na formação do pesquisador, mas permitir a consolidação de linhas de pesquisa, o que certamente reduziria as temáticas fragmentadas muito comuns e frequentemente criticadas na área.

No entanto, só muito recentemente os programas de pós-graduação passaram a se preocupar com a organização e o funcionamento de grupos de pesquisa, mesmo assim os docentes lutam com muita dificuldade para

conseguir as condições mínimas de espaço, de tempo e de recursos materiais e humanos para efetivar esse trabalho.

Quais as condições de produção do conhecimento dos docentes?

Houve, sem dúvida nos últimos 10 anos uma mudança nas condições de desenvolvimento da pesquisa em educação. A começar pelos financiamentos que vêm minguando. Se nos anos 80 a FINEP e o INEP davam apoio a pesquisas da área, nos anos mais recentes esse apoio quase foi extinto. Temos as Fundações Estaduais, mas também temos muito mais pesquisadores qualificados para solicitar financiamento, além das prioridades científicas definidas a priori pelas agências.

Mais grave que a redução dos financiamentos foi a subtração acentuada do nosso tempo crítico, nos últimos anos. Os docentes estão cada vez mais sobrecarregados com aulas, comissões, reuniões, pareceres, trabalhos de alunos para ler e avaliar, sobrando muito pouco tempo para a produção intelectual, para a reflexão, para a crítica e para o tão necessário aprofundamento dos trabalhos.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: questões de teoria e de método. Educ. Tecnol., Belo Horizonte, v.10, n.1, p.29-35, jan./jun. 2005.

2.1. Escute o Podcast Metodologia Científica 26.03.2020. Seminário. Fichamento. Tipos de trabalhos científicos. Artigo Científico Episódio de Muito Além do TCC! seguindo o link abaixo:

Atividade 2.1

Uma **Resenha**, é um **Resumo Crítico**, pois é necessário que se tenha uma referência, essa pode ser um livro, um filme, uma monografia, uns artigos, ou seja, qualquer literatura publicada. É a partir dessas referências que você irá comentar e apresentar argumentos favoráveis ou não, sobre a literatura analisada.

Nossa atividade agora tem o objetivo de desenvolver a construção de descrições, análises e observações de um conteúdo, o qual no final terá como resultado uma produção opinativa, mesmo que isso não fique claro. Vamos fazer uma resenha?! Com base nessa breve explicação, discorra sobre o conteúdo, identifique e apresente a obra analisada, fazendo um panorama inicial, descrevendo a estrutura da obra, fazendo sua análise crítica. Discorra um pouco sobre o autor, identifique o público-alvo e faça suas recomendações.

Atividade 1: Estudante, ao realizar ao realizar a leitura do **texto, Saiba mais 2.2, Pesquisa em educação: questões de teoria e de método** desta Unidade II, construa em seguida uma Resenha Crítica segundo o explicado no segundo parágrafo acima.

Unidade 3

Uma reflexão sobre o trabalho acadêmico e a comunicação Científica, apresentação e publicação de trabalhos científicos

Introdução

Nesta Unidade III, ampliaremos o desafio evidenciado ao longo desse trabalho, em debater aspectos metodológicos da produção do conhecimento na perspectiva do paradigma sistêmico. Apresentamos no texto a necessidade de interfaces com os métodos e as técnicas na produção do conhecimento, a ABNT e a importância dos procedimentos sobre a construção dos instrumentos do trabalho científico em estudos acadêmicos. Esses elementos estão em interconexão com a dimensão da produção textual, esta como prática das atividades que caracterizam o modelo desse estudo.

Ao discutirmos os Métodos e Técnicas na produção do conhecimento pela perspectiva do paradigma sistêmico, convidamos os estudantes da Educação do Campo a pensarem o caminho da construção do conhecimento pela complexidade e a transdisciplinaridade como abordagens atuais. Faremos uma reflexão coletiva, evidenciada com a prática da produção textual, ao mesmo tempo em

que, refletimos e construímos conceitos no saber sistematizado, essa é uma constante de todo esse estudo.

Insistimos no trabalho dialógico, que parte de ações construídas em sala de aula com os graduandos, com a literatura acadêmica sistematizada e a criatividade da ação refletida no ensino-aprendizagem das aulas, assim vamos desenvolvendo nossas Atividades Avaliativas pela produção textual.

Nosso eixo central de estudo e a ênfase de nosso trabalho foi no sentido de construir, ao longo das aulas, um processo educativo que teve como referência o desenvolvimento do estudante, ao levar em conta a ação-reflexão-ação, entre quem ensina e quem aprende.

Esta ação, importante na produção coletiva do conhecimento, é importante para os procedimentos metodológicos realizados durante as atividades de leituras e a construção dos instrumentos de trabalho, com as atividades. Os momentos construídos pelas aulas desenvolvidas, permitem o aprendizado no campo da produção acadêmica e sistematizada. Pensamos que esse é um caminho metodológico importante para o início do estudo no ensino superior, na busca pela produção autônoma do conhecimento.

3.1 O paradigma sistêmico como desafio evidenciado e a necessidade de interfaces com os métodos e as técnicas na produção de conhecimento

A reflexão e o debate, frentes aos aspectos dos métodos e das técnicas na produção do conhecimento, se constituem em meio a uma abordagem teórico-epistemológica que se relaciona com o paradigma sistêmico,

> [este diz respeito a um] conjunto de três novos pressupostos, assumidos pelo cientista quando ele faz a ultrapassagem de três pressupostos epistemológicos constituintes do paradigma da ciência tradicional. Ultrapassando pressupostos – as crenças na simplicidade do microscópio, na estabilidade do mundo e na objetividade e no realismo do universo – o cientista assume três novos pressupostos: a crença na complexidade em todos os níveis da natureza; a crença na instabilidade do mundo em tornar-se; a crença na intersubjetividade como condição de construção do conhecimento do mundo (AUN, VASCONCELLOS e COELHO. 2005. p.83).

Os tempos em que nos vemos agora, são tempos em que o sujeito se vê num mundo de complexidades que se inter-relacionam em multirealidades. O sujeito se constrói como ser biopsicossocial e político, ao mesmo tempo em que constrói o mundo das realidades, estas advindas de uma objetividade complexa em seus níveis de realidade e que está avessa a simplificação do mundo.

São esses aspectos que permitem o aparecimento de relações sistêmicas que se interconectam num movimento interdisciplinar e transdisciplinar de objetividades, subjetividades, ideologias e culturas. Esses aspectos são inerentes a um mundo em que entende o sujeito como um ser que não está dissociado da realidade, das coisas e das ideias do mundo, por isso, do objeto.

Ao levar em consideração as experiências das várias reflexões coletivas–ações coletivas–reflexões coletivas, nesse contexto de estudos e pesquisas, se dão os debates, no que se refere a construção do conhecimento. Este em perspectiva com as ideias de uma educação que supere as velhas posturas da fragmentação, de quanto a apropriação dos contextos das realidades, em suas vivências com as realidades materiais, se torna urgente na construção de uma nova maneira de interpretação da complexidade do mundo que se apresenta agora, em que o sujeito não esteja dissociado do objeto.

Sobre tais aspectos epistemológicos, nos alertou H. Japiassu (2016. p.4),

> se quisermos dominar um objeto, não podemos confiar no conhecimento fragmentado nem na apreensão holística. Precisamos romper com o velho dogma reducionista de explicação pelo elementar e considerar os sistemas complexos, onde as partes e o todo se inter-fecundam e se inter-organizam.

Sobre as populações do campo, isso significa dizer que, elas precisam ser atendidas em seus reais interesses, e mais restritamente sob os interesses daqueles e daquelas pessoas que se encontram excluídas da vida, por motivo de alguma deficiência ou qualquer que seja sua condição de existência enquanto vivida por fora das oportunidades de usufruir do que foi construído de belo e bom na cultura humana.

No contexto escolar, no que diz respeito aos conteúdos elencados pelas disciplinas, o interdisciplinar, ainda nesse tempo, é um desafio a ser alcançado, enquanto que o transdisciplinar é um sonho distante, ainda que possível.

O interdisciplinar possui um sentido bastante preciso: exprime tanto uma constatação (a fragmentação das disciplinas) e uma recusa (abandonar certa tradição ou mentalidade) quanto um remédio (formulação desejada de um mito unificador) para esse esfacelamento. Muita gente toma consciência de que os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados por uma abordagem interdisciplinar. Não basta mais o simples encontro ou justaposição das disciplinas. Torna-se imprescindível eliminar as fronteiras entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda (JAPIASSU. 2016. p.4).

Nesse movimento, de construção e apropriação do conhecimento, a pesquisa precisa ser ação importante e necessária do pesquisador, enquanto indissociado do objeto. Esse ao se apropriar das objetivações da realidade, ao mesmo tempo se constrói e se constitui como parte do objeto, aí está o elo do trabalho profissional com a constituição do ser, do qual, este conduz sua existência na apropriação do mundo.

3.1. Nestes tempos de mudanças paradigmáticas, também no campo da educação, existe uma necessidade de se construir uma reflexão sobre a formação dos professores e professoras, por uma ação humana mais justa e solidaria. Esta precisa ser voltada para a cidadania e a análise sobre uma escola como formadora de cidadãos críticos, participativos, investigativos e conscientes.

Essa é uma formação profissional em que se objetivam sujeitos, os quais respeitem o outro em suas diferenças e deficiências, na construção

de uma outra sociedade. Eles são sujeitos, que caminharão na contramão do "sujeito da razão", em que esta constitui-se como prioridade das relações sociais.

Tais aspectos, nessa contramão sobre o sujeito da razão, se relacionam a uma proposta de estudo contrária ao processo de individualização do sujeito, da ideia de uma escola uniformizadora e que se legitima pelas políticas educacionais, compromissadas com os interesses de um modelo caracterizado pela exclusão e o lucro individualizado.

Esses desmandos do modelo neoliberal, que ainda insiste na simplificação das ideias, que está atento às mudanças, mas não permite a consolidação das conquistas demandadas pelas lutas dos excluídos desse processo de exclusão, e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, no Brasil e a Via Campesina, na Espanha e pelo mundo, são exemplos!

É preciso nos propormos a analisar a ação humana e o contexto político-histórico-social, na valorização do indivíduo, suas crenças, cultura e sua experiência de vida, e a organização de suas coletividades enquanto grupos comuns em suas culturas locais. Essa é uma ação fundamentalmente mediada pelo processo educativo de uma Educação verdadeira para todos e todas.

Falar disso é propor a evidencia de uma ação orgânica do trabalho intelectual crítico, fundamentado na pesquisa, que parta dos reais espaços das vivências socioculturais, que tem a ver com o dever e o compromisso de retornar a sociedade as contribuições do conhecimento sistematizado pela cultura humana, no intuito social de mudanças por uma vida melhor. É uma ação já discutida originalmente nos estudos de A. Gramsci sobre os intelectuais orgânicos na sociedade.

3.1. Assista ao Vídeo **O que é o Paradigma Sistêmico** seguindo o link abaixo: Com Maria José Esteves de Vasconcellos, que é autora do livro Pensamento sistêmico: o novo paradigma da Ciência, que está na sua 11ª edição, com tradução para o inglês.



3.2 A ABNT e a importância dos procedimentos sobre a construção dos instrumentos do trabalho científico em estudos acadêmicos

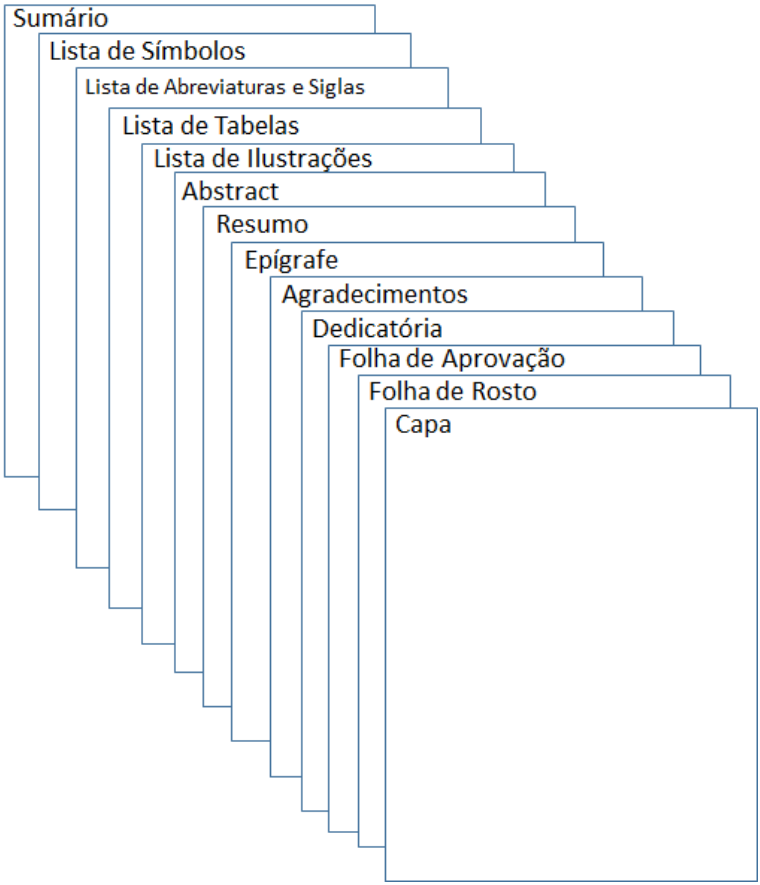
ABNT é uma sigla, Associação Brasileira de Normas Técnicas, é uma entidade sem fins lucrativos, tem como objetivo realizar uma mudança social, responsável pela normatização técnica no Brasil. A ABNT estabelece regras mínimas de formatação para um texto, no sentido que ele seja legível. No TCC essas normas são opcionais, embora a ABNT seja uma associação com regras nacionais, cada instituição ou organização pode estabelecer suas próprias regras e adequação para o mesmo trabalho acadêmico, o mesmo serve para a faculdade, revistas cientificas, jornais e outras publicações em todo o território nacional.

> A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o Foro Nacional de Normalização. As Normas Brasileiras, cujo conteúdo é de responsabilidade dos Comitês Brasileiros (ABNT/CB), dos Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e das Comissões de Estudo Especiais (ABNT/CEE), são elaboradas por Comissões de Estudo (CE), formadas por representantes dos setores envolvidos, delas fazendo parte: produtores, consumidores e neutros (universidades, laboratórios e outros).
>
> Os Documentos Técnicos ABNT são elaborados conforme as regras da Diretiva ABNT, Parte 2. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) chama atenção para a possibilidade de que alguns dos elementos deste documento podem ser objeto de direito de patente. A ABNT não deve ser considerada responsável pela identificação de quaisquer direitos de patentes (ABNT, 2012).

Pesquisadores, cientistas e alunos, por meio do uso desses padrões, em todo o território mundial podem consultar os trabalhos de maneira compreensível e uniforme, assim facilitando a leitura com agilidade e a referência. O fator primordial determinado pelas regras da ABNT é a estruturação do TCC, seções e constituintes fundamentais, de forma optativa para toda monografia, acrescentando a sequência que deve ser seguida.

Os elementos constituintes dessas regras são, 1) Elementos Pré-Textuais: Capa (Obrigatório); Lombada (Opcional); Folha de Rosto (Obrigatório); Errata (Opcional); Folha de Aprovação (Obrigatório); Dedicatória (Opcional); Agradecimentos (Opcional); Epígrafe (Opcional); Resumo na língua vernácula/nativa (Obrigatório); Resumo em língua estrangeira (Obrigatório); Lista de Ilustrações (Opcional); Lista de Tabelas (Opcional); Lista de Abreviaturas e Siglas (Opcional); Lista de Símbolos (Opcional); Sumário (Obrigatório). 2) Elementos Textuais: Introdução (Obrigatório); Desenvolvimento (Obrigatório); Conclusão (Obrigatório). 3) Elementos Pós-Textuais: Referências (Obrigatório); Glossário (Opcional); Apêndice(s) (Opcional); Anexo(s) (Opcional).

Figura 3.1: Estrutura TCC



Fonte: ALMEDIA,L.S.C; MATOS,M.A.S; ALMEIDA,A.C.A.

As principais Normas Brasileiras de Informação e Documentação estão assim organizadas pela ABNT, aqui destacaremos as que mais se apresentam em nosso contexto de produção textual acadêmica e daremos o endereço para uma pesquisa maior detalhada conforme a necessidade do pesquisador:

A NBR 10520, válida a partir de 29.09.2002, tem o objetivo de especificar as características exigíveis para apresentação de citações em documentos. Suas referências normativas contêm disposições que, ao serem citadas no texto, constituem prescrições para esta Norma. Ela pode ser acessada em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/download/NBR10520.pdf>.

Como toda norma está sujeita à revisão, recomenda-se àqueles que realizam acordos com base nesta que verifiquem a conveniência de se usarem as edições mais recentes das normas citadas a seguir. A ABNT possui a informação das normas em vigor em um dado momento, as Normas NBR 6023:2002 - Informação e documentação – Referências – Elaboração e NBR 10522:1988 - Abreviação na descrição bibliográfica – Procedimento.

A NBR 6023:2018, esta Norma estabelece os elementos a serem incluídos em referências do trabalho científico. Ela fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação, destina-se a orientar a preparação e compilação de referências de material utilizado para a produção de documentos e para inclusão em bibliografias, resumos, resenhas, recensões e outros. Esta Norma não se aplica às descrições usadas em bibliotecas, nem as substitui. Ela pode ser acessada em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar
/files/2011/09/NBR$_1 4724_a tualizada_a br_2 011.pdf >$.

Os Sítio e e-mails, https://www.abntcatalogo.com.br/; atendimento.sp@abnt.org.br; cursos@abnt.org.br e certificacao@abnt.org.br, dão suporte, pelo Comitê Brasileiro de Informação e Documentação, quanto a Normalização no campo da informação e documentação compreendendo as práticas relativas a bibliotecas, centro de documentação e informação, serviços de indexação, resumos, arquivos, ciência da informação e publicação, disponível em, http://www.abnt.org.br/cb-14 (ABNT, 2020).

O Relatório de Pesquisa

O relatório de pesquisa é um dos elementos mais importantes no contexto da pesquisa científica, ele tem a importância de comunicar os resultados da observação de campo feita pelo pesquisador. É o documento que fornece o registro formal daquilo que foi observado, na realidade em que o pesquisador esteve inserido, fornecendo a base para futuras reflexões e revisões, no âmbito do que foi extraído da realidade, pode-se chamar esse instante de observação da observação, ou seja o que foi visto na realidade e registrado no caderno de campo do pesquisador.

A escrita do relatório é muito importante para as posteriores observações que serão descritas na narrativa do processo de produção daquilo que foi observado, para o fim da escrita dissertativa, sistematizada e formal. Na organização do relatório de pesquisa, pode-se mostrar uma abordagem resumida dos objetivos da pesquisa, apresentando resultados claros com reflexões e recomendações dos dados da realidade observada, e que indicaram ou indicarão o caminho às interpretações finais do objeto de estudo.

Além desses aspectos, o pesquisador não pode perder de vista, no relatório, que este deve estar alinhado aos objetivos da pesquisa. É preciso detalhar

o escopo geral do estudo, daquilo que se pretende resolver ou parcialmente resolver com o trabalho investigativo, levando em consideração o problema estabelecido no que antecede o Relatório de Pesquisa, o Projeto da Pesquisa.

É importante desenvolver um roteiro para elaboração do relatório de pesquisa, relembrando os objetivos e observando a metodologia escolhida para a coleta dos dados. Se foram realizadas entrevistas ou questionários. É importante destacar o público contemplado pela pesquisa, quantas entrevistas foram realizadas e as especificidades do público pesquisado.

É necessário fazer a análise dos resultados (se for um relatório parcial, as análises seguem essa parcialidade). Este é o principal ponto do relatório, em que contém detalhadamente os resultados da pesquisa, sendo necessário estruturar essa sessão de acordo com os objetivos específicos do projeto, levando em consideração a resposta ao objetivo geral. É interessante criar um roteiro que passe de maneira sequencial e estruturada pelas respostas das questões que nortearam a construção dos objetivos específicos.

É importante revisitar os objetivos específicos da pesquisa, sempre, para garantir que todos eles foram cumpridos, este é o momento em que as informações aí contidas dizem respeito aos resultados da pesquisa, destacando os resultados significativos do estudo. É importante concluir o relatório com a breve discussão dos resultados, recomendando, caso necessário, o que fazer a seguir.

O pesquisador pode construir brevemente o que se pode tirar de aprendizado, relacionado aos dados coletados, análise dos dados pertinentes e informações que estes dados deram sobre o problema e o objetivo geral do estudo, pode-se recomendar brevemente o que é preciso melhorar a partir das informações da pesquisa. Esses últimos elementos também podem ser retomados nas considerações finais da pesquisa, de maneira ampliada e com foco na síntese daquilo que foi pesquisado.

3.1. Bibliografia sobre ética na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais

O ano de 2015 marcou a criação da Comissão da ANPEd encarregada de fomentar as discussões sobre ética na pesquisa, bem como a criação de um espaço no Portal da ANPEd para a publicação de notícias, legislação, textos e vídeos sobre ética na pesquisa.

No item “textos e vídeos”, atualizado permanentemente, os pesquisadores da área têm acesso a uma lista completa de dossiês e seções temáticas publicados em periódicos brasileiros e ainda de uma lista de publicações, organizada nas seguintes categorias:

1 - Questões e debates sobre regulamentação da ética em pesquisa;

2 - Aplicação da ética na pesquisa em diferentes contextos educacionais (pesquisa com crianças, adolescentes, famílias, imagens, fracasso escolar, gênero e sexualidade, Educação Matemática, etc).

3 – Fundamentos da ética na pesquisa.

4 - Plágio e ética na publicação científica;

5 – Ética e formação de pesquisadores/as;

6 – Ética na prática da pesquisa; e

7 – Documentos de associações estrangeiras.

Os textos estão disponíveis em: http://www.anped.org.br/etica-na-pesquisa/textos-evideos.

Os pesquisadores podem contribuir com a referida lista, enviando sugestões para eticanapesquisa@anped.org.br. Além disso, a Comissão de Ética da ANPEd estimula a realização de pesquisas e de publicações que contribuam para a compreensão crítica e para o enfrentamento das questões éticas visando qualificar, de modo contínuo, a pesquisa da nossa área.

MAINARDES, J. Bibliografia sobre ética na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. IN: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd. 2019.

Atividade 3.1

Nossa atividade, final, agora tem o objetivo de desenvolver a construção do texto reelaborado, a partir de suas análises e observações sobre as duas Atividades anteriores, das outras Unidades. Reelabore e construa um texto bibliográfico, livre, levando em consideração os conteúdos, das Atividades 1 e 2.

O texto deverá seguir as normas de organização de um artigo, com base na NBR 6022

Vamos fazer nosso texto criativo?!

Título do Artigo: subtítulo do artigo (Norma 6022)

Autor do Artigo*

Resumo (Norma 6028)

Palavras-chave: Tema1. Tema 2. Tema 3.

1 Introdução

Apresentada de maneira geral em relação ao que vai ser discutido no texto...

2 Desenvolvimento

...

2.1 Argumentação

...

Considerações finais

...

Referências

SOBRENOME, Nome do autor. **Título do Trabalho (negrito)**. Local de Publicação: Editora, Ano.

*Titulação do autor do Trabalho e endereço de e-mail, indicação da Disciplina a qual o artigo será apresentado

O texto pode ser produzido com no mínimo 3 e no máximo 6 laudas.

Referências Bibliográficas

BRITO, R. M. Uma percepção do problema epistemológico da complexidade em edgard morin. in. amazônida. *Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas*, 2000/2001. Ano 5/6, n. 2/1,.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido.* [S.l.]: Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005. v. 42.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere.* [S.l.]: Rio de Janeiro, Civilização Brasileira„ 2001. v. 4.

GREETZ, C. *A Interpretação das Culturas*. [S.l.]: Rio de Janeiro: LTC/S.A, 1989.

JAEGER. *Paideia.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAPIASSU, H. O sonho transdisciplina. *Revista Desafios*, v. 3, 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3659.2016v3n1p3.

LUCENA A. M. S.; SARAIVA, E. S. S. A. L. S. C. *A dialógica como princípio metodológico transdisciplinar na pesquisa em educação.* [S.l.]: Millenium (Viseu), 2016. V.50, p.179 - 196,.

MATURANA. A ontologia da realidade. *Belo Horizonte: UFMG*, 2001. R. H. MAGRO, C. GRACIANO, M. e NELSON V.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. *Artes Médicas*, 1996. In: Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Trad. – Jussara Haubert Rodrigues.

MORIN, E. O método 5: a humanidade da humanidade. *Porto Alegre: Sulina*, 2002. Trad. – Juremir Machado da Silva.

NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade.* third. São Paulo: Triom„ 2005.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. [S.l.]: São Paulo/SP: Cortez., 2018. 24. Ed. (Revista e Atualizada).

TOMAZ, R. *A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: cultura e diversidade*. [S.l.]: São Paulo: Global: Brasília: MEC, 2000. IN. A Temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus - ARACY Lopes da Silva, Luís Donisele Benzi Gfupioni (ofg.). 3. ed. ; MARI: UNESCO. 2000.